

Lula dribla pergunta sobre corrupção, admite erros de Dilma e exalta Alckmin

Em entrevista ao JN, petista diz ver Bolsonaro refém do Congresso e critica emendas de relator

Victoria Azevedo e Tayguara Ribeiro

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) buscou driblar perguntas sobre como evitará corrupção no país caso seja eleito, admitiu desvios na Petrobras em governos petistas e erros da gestão Dilma Rousseff (PT) na economia e exaltou seu antigo adversário e atual candidato a vice de sua chapa, Geraldo Alckmin (PSB).

Líder nas pesquisas de intenção de voto, Lula participou de sabatina na noite desta quinta-feira (25) no Jornal Nacional, da TV Globo, e tentou reconhecer parte das críticas que são motivo de desgaste do PT nos últimos anos.

O petista também fez ataque a sigilos decretados no governo Jair Bolsonaro (PL) e afirmou que poderia ter nomeado um procurador-geral da República "engavetador" durante seu governo. Mas não quis se comprometer a indicar à PGR um nome apontado na lista triplíce da categoria, que acabou descartada pelo atual presidente.

Questionado sobre a corrupção, Lula insistiu em dizer que ela só surge em governo que permite a investigação.

"Você não pode dizer que não houve corrupção se as pessoas confessaram", disse Lula, em relação a escândalos na Petrobras em governos petistas. Ele não respondeu de forma clara quais seriam suas propostas para evitar que esse tipo de caso volte a acontecer em uma nova gestão, mas ressaltou mecanismos criados nos governos petistas.

Ao falar a respeito do escândalo do mensalão, que ocorreu durante seu primeiro mandato, Lula fez comparação com aquilo que chamou de "orçamento secreto", em referência às emendas de relator, nas quais parlamentares indicam verbas para obras sem transparência sobre os autores da destinação.

"Ele [Bolsonaro] não manda em nada, é refém do Congresso Nacional e sequer cuida do Orçamento. Orçamento quem cuida é o [Arthur] Lira, ele que libera verba. O ministro liga para ele, não liga para o presidente da República. Isso nunca aconteceu desde a



O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em entrevista ao Jornal Nacional. Reprodução/TV Globo

proclamação da República."

No começo da entrevista, William Bonner afirmou que o Supremo Tribunal Federal deu razão a Lula e considerou o ex-juiz Sergio Moro parcial, além de ter anulado a condenação do caso do triplex e outras. "Portanto, o senhor não deve nada à Justiça", disse ele ao petista, ressaltando em seguida que, apesar disso, "houve corrupção na Petrobras".

Lula voltou a criticar a Lava Jato, que apontou uma série de desvios em gestões do PT e a partir da qual ele foi preso. O petista disse que a ação da força-tarefa "entrou por um lugar delicado, entrou no limite da política e o limite era o Lula, condenar o Lula".

As investigações da Lava Jato mostraram que havia um esquema de corrupção na Petrobras, por meio de diretores indicados nos mandatos petistas, no qual empreiteiras pagavam propina a executivos, partidos e políticos. No fim de 2021, a estatal informou que mais de R\$ 6 bilhões já haviam sido devolvidos aos cofres da companhia com base em acordos firmados na operação.

Em relação ao dinheiro recuperado pela operação, Lula disse "que ótimo que voltou", mas criticou os prejuí-

zos, segundo ele, que a Lava Jato causou para a economia.

"Você pode fazer investigação com a maior seriedade, como foi feita na Coreia na Samsung, como foi feito na França na Alstom, como foi feito na Volkswagen na Alemanha. Se empresário roubou, você prende, condena, mas você permite que a empresa continue funcionando."

Lula também disse que a "polarização é saudável no mundo inteiro" e chegou a criticar ditaduras de governos que têm a simpatia de alas petistas. "Não tem polarização no partido comunista chinês, não tinha polarização no partido comunista cubano", afirmou. "Agora quando você tem democracia, tem mais que um disputando, a

polarização é saudável, ela é importante, é estimulante."

Ao falar de Dilma, Lula afirmou que sua sucessora é uma das pessoas por quem ele mais tem respeito, mas que a gestão dela "cometeu equívoco".

"Cometeu equívoco na questão da gasolina, ela sabe o que eu penso disso. Eu acho que cometeram equívoco na hora que fizeram R\$ 540 bilhões em desoneração de isenção fiscal de 2011 a 2040", afirmou.

Apesar disso, Lula defendeu Dilma e culpou o Legislativo da época por parte das dificuldades econômicas que a ex-presidente petista enfrentou.

Em diversas respostas, ele fez questão de citar a participação do ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSB) em um futuro governo, caso seja eleito, especialmente na área econômica.

De acordo com o petista, uma chapa entre os dois permitirá maior estabilidade na economia. "Ganhar credibilidade interna e externa para fazer as coisas nesse país", disse.

O petista defendeu "imprensa livre" e disse que Bolsonaro "parece um bobo da corte". "Eu poderia, por exemplo, fazer decreto de cem anos. Sabe decreto de sigilo que está na moda agora? Eu poderia não apurar nada e colocar

decreto de cem anos de sigilo para o Pazuello, decreto para os meus filhos, decreto para os meus assessores. Ou eu poderia não investigar", disse o petista em alusão ao presidente Bolsonaro.

Ao ser questionado sobre o papel que o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) terá em um eventual governo, ele afirmou que "aquele MST de 30 anos atrás não existe mais" e criticou a política armamentista do presidente Bolsonaro.

"O Bolsonaro está ganhando alguns fazendeiros porque está liberando arma, tem gente que acha que é bom ter arma em casa, que acha que 'eu vou matar alguém'. Não. O que nós queremos é pacificar esse país, porque o pequeno produtor rural e o médio têm que conviver pacificamente com o grande negócio. O Brasil tem possibilidade de ter os dois."

Lula também disse que há parte do agronegócio "fascista e direitista" que se coloca contra a preservação do meio ambiente, mas que ela não representa a todo o segmento.

"Os empresários sérios que trabalham no agronegócio, que têm comércio com o exterior, que exportam para a Europa, para a China esses não querem desmatar, querem preservar nossos rios, nossas águas e nossa fauna."

A entrevista provocou panelações, mas o movimento foi menor do que o registrado na segunda (22), na entrevista de Bolsonaro. Também ocorreram buzinaços e gritos de apoio ao petista.

Segundo a coluna Mônica Bergamo, da Folha, a entrevista alcançou audiência de 30 pontos na Grande São Paulo — cada ponto equivale a 205,755 telespectadores — segundo dados preliminares do Instituto Kantar Ibope Media.

A conversa já partiu com uma audiência que era de 27 pontos. Saltou em seguida para 29 pontos e atingiu o pico de 34 pontos. Do total de aparelhos ligados, 67% estavam sintonizados na Globo.

Já a sabatina de Bolsonaro começou com uma audiência menor, de 25,4 pontos, mas saltou em seguida para 29,8 pontos. Depois passou a 30,8, e atingiu o pico de 34,2 pontos no fim do programa.

“
Você não pode dizer que não houve corrupção se as pessoas confessaram

Lula (PT)
em entrevista ao Jornal Nacional

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 6